

AS CIÊNCIAS SOCIAIS E SEU DESENVOLVIMENTO FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES DO FENÔMENO RELIGIOSO NO BRASIL

Maria Octávia Duarte Cunha Freitas

Resumo: O trabalho chama a atenção para o processo de estudo do fenômeno religioso pelas ciências sociais no Brasil. Ele enfoca sua precariedade inicial e seu desenvolvimento paulatino construído a partir de uma relação entre ciências sociais e religião. Tal desenvolvimento não é contudo ainda pleno e depende agora de uma compreensão do sentido de religião para que se possa, a partir disso, trabalhar os métodos de tradução, de interpretação do fenômeno religioso.

Palavras-chave: Religião, Ciências Sociais, Fenômeno religioso no Brasil, Produção acadêmica.

Há sete anos escrevi um trabalho sobre o estudo de religião no Brasil, chamando a atenção para a precariedade do mesmo. Desde então, os departamentos e centros acadêmicos estudando religião se proliferaram, associações acadêmicas para o estudo de religião foram criadas, fóruns e congressos organizados para a discussão do tema e as publicações têm investido mais nesse veio. Estudar religião parece que virou moda nas ciências sociais.

Ao tentar compreender esse fenômeno, chamou-me a atenção o paralelismo entre o desenvolvimento das ciências sociais e aquele do fenômeno religioso no Brasil. O que sugere, a princípio, uma adequação das ciências sociais ao contexto no qual ela se insere e que ela estuda. "Existe uma relação entre o contexto histórico, cultural e intelectual geral e aspectos teóricos do Estudo de Religião em vários países e regiões". (PYE, 48) Este parece ser o caso do Brasil. Tal adequação, contudo não invalida descompassos entre a linguagem das ciências sociais e aquela da religião, nem tão pouco limitações teóricas decorrentes das próprias ciências sociais, bem como da sua adequação, como se poderá constatar no texto.

Mas se tal adequação entre fenômeno religioso e ciências sociais é pertinente, como se explica o fato de que o Brasil, sendo um "país católico", tenha tido seu estudo de religião tão precariamente desenvolvido pelas ciências sociais? Esse trabalho propõe alguns elementos que podem contribuir para uma compreensão mais abrangente de tal fenômeno.

ESTUDO DE RELIGIAO NA EUROPA APESAR DO ANTICLERICALISMO

Existe uma antipatia dos cientistas sociais para com o fenômeno religioso que data da gênese mesmo das ciências sociais e da sua constituição numa linguagem antagônica àquela que ela -a ciência- vinha supostamente substituir enquanto lugar de verdade. Apesar de tal processo ter se iniciado no século XVI, a importância da linguagem religiosa, utilizada então pela instituição dominante em toda a idade média, havia sido tal que esta permanecia como um calo na nova forma de linguagem, disputando ainda espaços com o mundo das ciências. Sua importância pode ser vista na sua ocorrência nos trabalhos dos primeiros cientistas sociais europeus. A maioria desses trabalhos reflete, contudo, a hostilidade desses cientistas para com a religião, como atesta Evans-Pritchard no seu texto "Os Antropólogos e a religião"

Comentando sobre os trabalhos sobre religião dos primeiros cientistas sociais, esse autor aponta para o olhar quase sempre negativo desses para com o fenômeno religioso. De Montesquieu, para quem religião é vista quase sempre de modo naturalista, simplesmente como fenômenos sociais, passando por Saint Simon, Comte ou Durkheim que se dividiam entre a negação e ao mesmo tempo a importância do fenômeno religioso na sociedade, ou ainda

pela aversão a "toda espécie de eclesiastismo, dogma e ritual"¹, de Spencer ou Buckle, ou mesmo pela forma mais sutil ou abstermã de juízo de Weber que como ele mesmo colocava "não era uma pessoa anti-religiosa ou irreligiosa, mas religiosamente absolutamente não musical"², "todos os principais sociólogos e antropólogos contemporâneos a – ou desde – Frazer eram agnósticos e positivistas"³ e abordavam religião de modo negativista. Em alguns casos religião era apresentado como algo que devesse ser suprimido, em outros, como um mal necessário, ainda em outros, deveria ser transformada. Contudo, a despeito de uma visão negativista, o fato é que o fenômeno religioso fez parte das preocupações de tais cientistas.

O reconhecimento dessa hostilidade para com o fenômeno religioso não deve, contudo, encobrir:

- 1- O fato de que, para além dos cientistas sociais de que fala Evans-Pritchard, outros pensadores, muitos dos quais da área de religião, ou ainda de outras áreas, menos conhecidos entre nós, talvez até em consequência dessa tendência anticlerical e anti-religiosa, desenvolveram trabalhos sobre o religioso dentro de uma perspectiva mais fenomenológica, mais compreensiva, ou comparativa, ou mesmo hermenêutica. Nessa contratendência – como chamou Velho⁴, se inserem nomes como William James, Arthur Waley, Rudolf Otto, Edmund Husserl, Joachim Wach e outros
- 2- O fato de que aspectos positivos no discurso sobre o religioso, num nível mais profundo, foram negligenciados ou, e aqui sugiro, mal interpretados em razão da postura anti-religiosa e ou anticlerical das ciências sociais, podem ser exemplificados por Velho nos dois exemplos abaixo:

O primeiro chama a atenção para o fato de "como o tabu criado em torno da associação entre "mentalidade pré-lógica" e as sociedades ditas "primitivas", com a notável exceção do próprio Evans-Pritchard, impediu o aprofundamento da hipótese da "participação mística de Lévy-Brull. (VELHO,1986, pag. 48)

O segundo, é o caso de Weber onde a sua "contraface do ascetismo – que era de fato para ele o misticismo- permanece basicamente lida como ausência de, falta de, apesar das ricas indicações presentes em sua obra" (VELHO,1986, pag. 48)

Pye, igualmente, nos fornece um exemplo. Na introdução de seu texto *Desiderata*, ele diz que "julgamentos sobre a *Desiderata* para o futuro, que certamente serão estabelecidas no texto, tem eles próprios uma influência na forma como o presente e o passado são construídos" (PYE, 1991). Ele exemplifica, então, com uma nota de final de texto, referindo-se a um ensaio de Christoph Elsas. "Aqui o autor acena certos comentários sobre vários pensadores do passado e do presente, filósofos, antropólogos, sociólogos, psicólogos e teólogos, de tal modo que se conclui que a função chave da ciência da Religião (*Religionswissenschaft*) é a crítica da religião. Ao mesmo tempo em que o autor não deixa de se simpatizar com esta orientação num sentido geral, é evidente que uma seleção diferente de autores que escreveram sobre religião no passado e as escolhas de "temas" específicos outros que não revelação e misticismo, poderiam apoiar uma vertente de pensamento assaz diferente." (PYE, 1991)

- 3- A interpretação de Rubem Alves ao se referir á abundância de trabalhos sobre o religioso, aponta para uma associação íntima entre religião e sociologia no seu período de formação, ou porque os sociólogos atribuem à sociologia uma alternativa funcional à religião, ou porque seus teóricos parecem ter compreendido religião como um fenômeno central para a construção da própria teoria sociológica.

Essas três considerações visam, na verdade, fornecer alimento para uma crítica mais cautelosa, não pretendendo negar o anticlericalismo ou essa hostilidade para com a religião, presentes desde e sempre nas ciências sociais.

¹ Evans-Pritchard, 1959, pag.11

² *Ibid.*, Ag. 12

³ Evans-Pritchard, 1986 pag11

⁴ VELHO, 1986, pág.48

DEFICIÊNCIA NO ESTUDO DE RELIGIAO NO BRASIL

Apesar da hostilidade dos cientistas sociais europeus para com o religioso, eles não se abstiveram a uma análise e estudo teóricos do mesmo. Assim sendo, pode-se dizer que na Europa, a modernização e a secularização encorajaram críticas a religião, ao passo que no Brasil, a secularização, a despeito da forte influência do pensamento europeu e particularmente francês, engendrou uma postura contrária. Um silêncio quase que total sobre o religioso até o final da década de 50, e um aumento inicialmente lento, mas progressivo de trabalhos, de perspectivas, de abordagens, a partir de então, explodindo realmente na década de 90.

Como explicar que tendo o Brasil sido tão fortemente influenciado pelo anticlericalismo europeu e tendo importado as ciências sociais européias e posteriormente americanas, não tenha desenvolvido igualmente um estudo de peso sobre o religioso. A compreensão do fenômeno religioso brasileiro e da sua influência sobre o estudo de religião, bem como um olhar para a situação européia pode nos fornecer alguns dados.

PRIMEIRO MOMENTO

Até a década de 50, os estudos versavam sobre desenvolvimentismo.⁵ A maneira que os cientistas sociais encontraram de romper e superar antigas tradições parece ter sido o silêncio. Ao invés de criticarem a Igreja Católica (instituição de maior representatividade no país, na época), negaram sua existência. Até o final da década de 50, os estudos de religião versavam sobre religiões indígenas, sincréticas, formadas a partir de tradições européias, africanas, indígenas e populares, estando por vezes, mas nem sempre, afinados com o movimento modernista de vinte que buscava salientar traços populares, sincréticos africanos e indígenas.

Tais trabalhos careciam também de um aprofundamento teórico, caindo sempre num descritivismo. Problema, aliás recorrente nas ciências sociais brasileiras em geral, como atesta Villas-Boas e que Alves explica como decorrente da necessidade premente de solucionar problemas e por isso de se apropriar de teorias já construídas na análise dos problemas por que passávamos.

Desses trabalhos sobre o religioso, da primeira metade do século, Nina Rodrigues e Arthur Ramos se destacam. Barros tem, aliás, chamado a atenção para a qualidade, inclusive teórica, do trabalho de Arthur Ramos e de sua sociologia aplicada e que eu adicionaria fenomenológica, para o estudo de religião pela sua preocupação com a classificação, compreensão e definição dos elementos da religião africana. Entretanto, mesmo o trabalho sobre religião de tais autores não visa uma compreensão do fenômeno religioso em si, inserindo-se, num estudo maior: o do negro brasileiro.

Igualmente esclarecedor da precariedade do estudo sobre religião, é uma análise da bibliografia de tais trabalhos. A referência sobre questões teóricas é praticamente toda ela composta por autores estrangeiros. Tal característica, aliás, pode ser percebida mesmo nos trabalhos mais recentes. Nesse caso, a diferença entre um trabalho mais embasado pode ser percebido através do uso que se faz de tais teorias, ou seja, da capacidade do autor em traduzir, em aplicar adequadamente tais teorias ao contexto em questão, como indica, por exemplo Barros, para o trabalho de Arthur Ramos⁶, ou como poderemos ver já num outro período no próprio trabalho de Barros ao se utilizar de Gramsci para uma análise de Canudos, ou ainda quando Valle faz referência à postura metodológica de Duglas Monteiro no seu trabalho sobre religião.⁷

De qualquer modo, o grande número de referências a autores estrangeiros e de uma ausência quase que total de autores brasileiros no campo teórico indicam uma deficiência teórica nos trabalhos brasileiros.

⁵ ALVES, 1978, VILAS-BOAS, 1991

⁶ BARROS, encarte 2000

⁷ VALLE, 1979

Essa precariedade teórica e essa limitação temática podem ser explicadas, pelo menos em parte pelos elementos que mencionei na introdução ao me referir à adequação das ciências sociais ao contexto no qual ela se insere e que são: descompassos entre a linguagem das ciências sociais e aquela da religião, limitações teóricas decorrentes das próprias ciências sociais, bem como da sua adequação.

Quanto às limitações teóricas das próprias ciências sociais, não me proponho aqui discuti-las. Proponho-me, sim, a sugerir elementos relativos às limitações teóricas decorrentes da adequação das ciências sociais, ao fenômeno religioso brasileiro, ou, ainda, aos descompassos entre a linguagem das ciências sociais e aquela da religião.

A melhor maneira de compreender tais elementos é, portanto, refletindo sobre o fenômeno religioso da época abordada e o contexto no qual ele se insere.

A chave para essa atitude distanciada do religioso, pode ser encontrada, em parte, a partir do próprio contexto religioso do período.

No final do século XIX temos no Brasil, de um lado a chegada de imigrantes trazendo religiões diferentes daquela aqui hegemônica; o início da influência positivista; a proclamação da república, juntamente com o advento do Estado; a dissociação entre estado e igreja, deixando assim de existir uma religião oficial no Brasil; a proclamação da liberdade de culto de todas as crenças religiosas, ainda que a noção de crença religiosa se limitasse às grandes religiões, não incluindo religiões afro-brasileiras.

Essas novidades, contudo, não parecem afetar a igreja católica hegemônica no Brasil, que permanece como igreja oficiosa, se fortalecendo ainda mais em função da sua recomposição interna, da romanização criada no Concílio de Trento. Grosso modo, a situação aqui é, portanto, a de secularização, inspirada por ideais positivistas e por um desenvolvimento econômico de um lado, mas ao mesmo tempo, da hegemonia absoluta da igreja no campo religioso, de outro.

Na Europa, o quadro geral do fenômeno religioso se mostrava diferente. Aí - e sobretudo nos países mais nórdicos - religião havia passado por um processo de disputas de poder, de redefinição da hegemonia institucional religiosa. Aí o catolicismo já havia tido seu poder relativizado pelas novas formas de cristianismo - protestantismo e anglicanismo - e mesmo onde seu poder permanecia, ele havia, de todo modo, sofrido com as tensões entre católicos e protestantes e com as guerras santas. Estas criaram uma situação de maior tensão entre grupos religiosos, ao mesmo tempo que de maior equilíbrio, já que catolicismo e protestantismo ou anglicanismo desfrutavam de poder ainda que em países diferentes. Existia o espaço do debate.

Aqui, não existia uma outra religião que verdadeiramente fizesse face à igreja católica. As religiões de grupos étnicos, considerados "inferiores" ou exóticos; ou mesmo de religiões vindas da Europa ou da Ásia, não ameaçam a posição da igreja. No Brasil, a população não vivenciava a situação de conflito que caracterizou, por exemplo a Europa como aquela das guerras entre protestantes e católicos. Religião no Brasil, não se colocava como um "problema" social a ser solucionado. Na Europa, as guerras religiosas foram importantes no sentido em que permearam toda a sociedade e nesse sentido, pode-se dizer que existiam ao nível da "consciência coletiva, ao passo que no Brasil, a separação entre Estado e Igreja, bem como a secularização eram questões que se davam num nível institucional. É inegável que existiram tensões iniciais dentro do próprio catolicismo -entre manifestações populares e igreja oficial como foi o caso, por exemplo de Juazeiro do Norte, e Contestado. Mas os conflitos aí se davam dentro da mesma religião e dado a relação popular-oficial, obedeciam uma ordem hierárquica, o que facilitou uma desigualdade, uma assimetria de poder nessa disputa. Apesar de já no início do século termos religiões variadas e mesmo não cristãs, essas são clandestinas ou socialmente desqualificadoras, ou ainda proporcionalmente muito pequenas para as dimensões do Brasil

Um outro fator a ser abordado é a questão do pluralismo na Europa e da tendência sincrética do Brasil. Não que esta não esteja presente na Europa e que os regionalismos não existam no Brasil, mas na Europa, a variedade de línguas, religiões, culturas, sistemas políticos criavam um espaço fértil para a relativização de vários elementos, para a constatação do diferente, num nível simétrico. No Brasil, a hegemonia da igreja pode ser considerada como tendo sido um dos elementos facilitadores e indutórios ao sincretismo, o que de imediato coloca a questão da diferença num outro patamar (a relação com o diferente não se dá num nível de enfrentamento). Ao contrário da Europa, o Brasil tinha uma língua, já que as indígenas não existiam a não ser para as sociedades indígenas, existia um governo, um estado, uma língua, uma religião,...o que diferenciava as pessoas era a classe social e lá havia duas: a dos privilegiados e a dos desprivilegiados, na qual se incluíam os exóticos etc. E estes foram os estudados.

Para além dessa hegemonia da Igreja Católica e dessa ausência de conflito real no Brasil, no nível do religioso, devemos mencionar o fato de que a linguagem utilizada pela Igreja católica, hegemônica no Brasil, não correspondia a linguagem positivista e nesse sentido não representava possibilidades de progresso. Rubem Alves escreve que "o processo de superação do Brasil arcaico (onde as oligarquias tinham a igreja católica como uma forte aliada) teve que assumir, necessariamente, o caráter de luta contra a visão sagrada de mundo. O objetivo cultural, político e econômico, era a aquisição de uma sociedade secular, científica, educada e madura". Era óbvio que nesse contexto ideológico, religião não poderia emergir como um fenômeno significativo, que valesse a pena se estudado". (ALVES, 1978, p.114)

Daí a maioria dos estudos de ciências sociais do início da sociologia estarem ligados ao desenvolvimentismo (Villas Boas, Rubem Alves)

Podemos falar ainda de uma falta de perspectiva oriental. Na Europa o estudo de religião nasce de três fontes (teologia, ciências sociais, e oriente)⁸, no Brasil, de duas (ciências sociais e teologia). A perspectiva oriental foi muito importante pois as religiões do oriente eram percebidas como tão estruturalmente "complexas" quanto o cristianismo.

SEGUNDO MOMENTO

Evans-Pritchard comenta que na Europa as ciências sociais não influenciaram a religião. Uma observação do desenvolvimento do fenômeno religioso e das ciências sociais, mostram que esse não seria o caso para o Brasil e, a bem da verdade, mesmo uma análise da situação europeia contrariaria Prichard igualmente.

No Brasil, na década de 60, o diálogo entre religião e ciências sociais se intensifica e a influência recíproca de um sobre o outro se torna mais clara.

Dentro do campo religioso, a tendência mundial a desenvolver um olhar crítico sobre a relação 1º e 3º mundos; a influência da tradição católica marxista francesa sobre intelectuais católicos brasileiros; o pontificado de João XXIII e à sua atenção dada a tolerância ecumênica e a questão dos direitos humanos; a preocupação da Igreja do concílio para com o humanismo; e ainda a tendência na América Latina à utilização do método de análise marxista entre cientistas sociais e setores da igreja⁹; e ainda a crise de 64 que "separou claramente o setor conservador do progressista, colocando em oposição uma forma metafísica de compreensão da fé de um lado e uma visão político profética da fé de outro" (Wanderley, 1978, p.98) contribuem para o enfraquecimento da igreja. Há ainda o crescimento paulatino do protestantismo com aparecimento de algumas novas religiões transplantadas –algumas denominações protestantes (principalmente pentecostalistas), religiões japonesas e filosofias e religiões orientais começam a aparecer de modo mais contundente na realidade brasileira. O que acarreta uma certa desestabilização da Igreja Católica.

A igreja se aproxima então das ciências sociais, ou para buscar respostas para sua perda de espaço no campo religioso, ou ainda, compreender melhor o cristianismo popular.

Com o aumento do protestantismo, surgem trabalhos sobre o tema, muitas vezes abordados por pastores ou leigos protestantes. O que leva a que tais trabalhos, assim como no caso de católicos sejam uma mistura de teologia e ciências sociais. Esse é talvez, o que possa ser considerado como o início de uma ciência da religião no Brasil, mas ainda rudimentar e sem tentar trabalhar religião na sua essência.

Nas ciências sociais apesar da persistência do estudo de desenvolvimento do Brasil¹⁰, a importância das teorias marxistas, e posteriormente estruturalistas, a nova conjuntura no campo religioso e a aproximação da igreja das ciências sociais, transformam igualmente os estudos científicos sobre religião.

⁸ PYE, 1991

⁹ Wanderley: 1978

¹⁰ VILAS-BOAS, 1991

A partir dos anos 60, elementos relevantes no quadro do desenvolvimento religioso brasileiro e mesmo internacional, bem como a utilização de novas teorias nas ciências sociais, começam a fazer aflorar trabalhos que repensam o religioso sobre um novo ângulo. A aplicação de teorias marxistas ajudam a repensar o religioso dentro de uma relação de classe, valorizando o papel da religião enquanto lugar de resistência. Barros, Brandão, Dugias são exemplos de abordagens marxistas aplicadas e adequadas ao contexto brasileiro. São trabalhos que não só enfocam o religioso no popular, mas que o enfocam sob uma ótica positiva apresentando religião popular como uma forma de resistência. Religião passa do estudo do folclore para o do movimento popular

Nessa fase começam a surgir trabalhos sobre o protestantismo ou ainda trabalhos que discutem protestantismo. Mas aqui, se não é a religião do diferente, no sentido de exótico, é a religião popular, ou ainda dentro de uma perspectiva científico-teológica o protestantismo.

Numa publicação de 1978 Rubem Alves¹¹ sugeria como temas e abordagens correntes no estudo de religião no Brasil.

- 1 Polêmicas que marcaram a confrontação entre o catolicismo e o protestantismo brasileiros.
- 2 Religiões exóticas (ligadas ao índio, caboclo, negros e imigrantes). Responsável pelo maior número de pesquisas no campo da religião no período entre 1939 e 1959.
- 3 Movimentos messiânicos¹²
 - 1 O crescimento de seitas e o declínio de algumas práticas tradicionais
 - 2 A igreja e a sociologia da religião
 - 3 Protestantismo se tornou a partir de 60 um tema para os pesquisadores cientistas em função do crescimento pentecostalista. Ele já vinha sendo estudado antes, mas não por cientista sociais.
 - 4 Religiosidade popular. Inicialmente identificada como exótica, é posteriormente compreendida como um fenômeno antropologicamente importante, politicamente fundamental.

Mas é só posteriormente, no final dos anos 80, e anos 90 é que influenciados pelas teorias pós-modernistas e pelo próprio contexto de pluralização do religioso, da nova era, da nova situação da igreja frente as outras instituições, ou grupos religiosos, os temas sobre o religioso começam a se diversificar abordando religiosidade popular, instituição e, portanto, possibilitando o desenvolvimento de novas teorias.

TERCEIRO MOMENTO

A influência recíproca entre ciências sociais e fenômeno religioso se faz presente de forma notável nos anos 90.

O crescimento acelerado das igrejas evangélicas, a explosão do fenômeno nova era, a desinstitucionalização do religioso, ou como tenho sugerido a microinstitucionalização¹³ criaram uma certa balança entre grupos religiosos, nivelando-os de certa forma de modo que tem havido uma democratização do, ou dos poderes religiosos. O que levou a uma busca do diálogo ecumênico e interreligioso entre tradições religiosas variadas, ao mesmo tempo que a uma possibilidade de proselitismo aberto por parte das mesmas, disputando fiéis, ou ainda levando a existência de um terreno de embate, ainda que em potencial, entre tradições religiosas¹⁴, mas agora não só num nível institucional, mas social. A facilidade de comunicação entre culturas diferentes incentivando um contato mais fácil e rápido entre pessoas de tradições religiosas diferentes, ou ainda a transculturações mais constantes.

¹¹ ALVES, 1978, p.119

¹² Alves explica que estes movimentos são facilmente confundidos com os exóticos, mas que "*eles não deveriam ser classificados como tal uma vez que são marcados pelo uso de violência, o que imediatamente os conecta com sua significação política. Uma violência exótica por ser divorciada do uso racional da violência que a organiza em termos de meios adequados para a obtenção de fins específicos.*" Rubem Alves parece ter uma visão negativa dos movimentos messiânicos. Tal compreensão não é compartilhada por Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, pelo menos em relação ao movimento de Juazeiro do Norte, no qual esta autora apresenta uma visão positiva, de um movimento consciente do seu destino.

¹³ Freitas, MN

¹⁴ Apesar de os estudos apontarem, no Brasil, para um sincretismo, trânsito religioso facilitado, coexistência pacífica de várias religiões dentro de uma mesma família, ou de qualquer outro espaço de relação social, principalmente num nível popular, algumas tradições como a IURD parecem estar

Estas transformações foram acompanhadas pelas ciências sociais. De um lado, a própria assimilação de teorias pós-modernas, sobre o processo de globalização e de interdisciplinaridade e a correspondência de tais teorias ao contexto atual do fenômeno religioso brasileiro. De outro lado, a fertilidade do terreno religioso tem contribuído para o desenvolvimento de novas teorias e métodos que ajudem na compreensão de tal processo, confirmando o que sugere Bomeny e Birman ao falarem igualmente das ciências sociais no Brasil. *"A emergência de temas estimula a produção intelectual que, por sua vez, informa a institucionalização disciplinar. Em alguns momentos é possível pensar na emergência das próprias disciplinas como valorização de certas temáticas"* (BIRMAM, 1991).

Pode-se dizer, portanto que as ciências sociais têm se desenvolvido na mesma direção que o fenômeno religioso. Nesse processo, só mais recentemente elas começaram a pensar religião de modo mais abrangente, trabalhando fenomenologia da religião, religião comparada, tentando não só classificar os fenômenos, mas interpretá-los, e agora, já com um certo knowhow teórico que as ciências sociais vêm acumulando ao longo de sua história.

Contudo, ao mesmo tempo que percebemos um desenvolvimento paralelo entre fenômeno religioso e ciências sociais, nos damos conta de que o fenômeno religiosos continua sendo mais amplo que os métodos das ciências sociais. Cientistas sociais brasileiro, entendendo isso, têm chamado a atenção para a importância de uma antropologia relacional, (VELHO, 1986) que dê conta da complexidade do fenômeno religioso, ou para a importância de se fazer uma hermenêutica da religião (LIMA, 1999). De qualquer modo, é necessário predisposição para se compreender e se interpretar e esta vai se fazendo cada vez mais possível na medida em que esse anticlericalismo existente nas ciências sociais for desaparecendo.

CONCLUSÃO

Ao delinear esses três períodos: hegemonia da Igreja Católica; humanismo e marxismo na Igreja Católica, juntamente com ascensão do protestantismo; e pluralismo religioso, procurei mostrar o desenvolvimento das ciências sociais e de como estas estiveram respondendo ao fenômeno religioso. Contudo, apesar de, como expliquei no primeiro desses três momentos, a Igreja Católica ser hegemônica no Brasil e de não termos as tensões sociais como aquelas que se faziam presentes na Europa, ou seja, apesar de podermos justificar o silêncio das ciências sociais em resposta a um contexto específico do fenômeno religioso de então, sabemos ainda assim, que o fenômeno religioso mereceu mais atenção do que aquela que recebeu e que portanto, o estudo de religião no Brasil foi deficiente.

Alguns dos possíveis elementos que sugeri para essa deficiência, e que lembro, não querem esgotar as possibilidades, foram: anticlericalismo positivista associado ao contexto brasileiro de hegemonia do catolicismo. A posição, ainda, ílesa da igreja com relação ao ataque de outras religiões. Na Europa o anticlericalismo também existiu, mas as tensões entre catolicismo e protestantismo, podem ter criado uma situação de tensão ao mesmo tempo que de maior equilíbrio, no sentido em que diferentes grupos podiam ter voz. Essa diferença e situação de conflito real ou de conflito em potencial, num nível social geram a necessidade de resolução (busca de respostas); influência de estudos europeus sobre o Brasil, mas enquanto lugar do exótico, religião não estava ligada à lingua-

apostando num confronto. É corrente encontrarmos na primeira página de seu jornal ataques ou notícias que denigrem a Igreja Católica ou mesmo tradições afro-brasileiras – suas grandes concorrentes. Tal postura pode, em situações específicas gerar confronto entre fiéis. Nos anos 60, 70, era comum ouvirmos padres da igreja Católica pregando contra outras religiões. Mas então seu poder se sobrepuja àquele de outras tradições religiosas, que oficialmente – já que algumas já eram oficialmente reconhecidas – não encontravam condições propícias a uma réplica. Outro fator, que deve ser levado em conta, é o tabu da religião, ainda forte na sociedade brasileira. Tive a oportunidade de lecionar para um grupo de aproximadamente 25 adultos de uma favela no Rio de Janeiro. Esse grupo se compunha de pessoas de várias religiões. Alguns adeptos por tradição, ou seja, de berço, outros que haviam mudado em algum momento por uma segunda religião, e tinha ainda aqueles que estavam passeando entre uma e outra. Isso fui percebendo ao longo de alguns meses de trabalho. Um dia pedi-lhes que fizessem uma redação sobre religião. Todos me olharam com espanto. Desses, vários se manifestaram imediatamente dizendo que sobre religião, não. Disse-lhes que poderia ser sobre a razão para não quererem falar sobre religião. Com as respostas e comentários levantados no dia da minha proposição e com as redações por eles apresentadas, fui constatando que existia um receio de se falar sobre religião, com medo das discussões e críticas que adviriam por parte de adeptos de outras religiões. Percebi, então, que apesar do trânsito e do sincretismo, dessa relação brasileira apresentada como festiva, as críticas, os ressentimentos, as incompreensões existem. Na mesma época, sugeri, a um conhecido que trabalhava na TV Futura, um programa educativo sobre religiões, para crianças. Sua resposta foi a de que isso era problemático, pois religião era uma questão muito delicada.

gem positivista e nesse sentido não representava possibilidades de progresso, para que um estudo se justificasse por aí; ausência de tenção real entre diferentes religiões; distanciamento do Brasil em relação às culturas cuja religião ou religiões são estranhas ao cristianismo, tais como China, Japão, Índia. É importante não deixar de mencionar o grande número de japoneses, libaneses e mesmo chineses que imigraram para o Brasil a partir do início do século. Esse número é ínfimo se compararmos ao restante da população e talvez nesse sentido não criaram imediatamente tensão, mas plantaram certamente a semente para o desenvolvimento e a viabilização de novos grupos religiosos ou mesmo implantação de outros; preferência por estudos de desenvolvimento, dado o contexto sócio-econômico brasileiro; tendência a um monografismo. A estes fatores podemos ainda somar: a influência de estudos europeus sobre o Brasil, mas enquanto lugar do exótico, tendência aliás da antropologia dessa época que estudava não a sua própria cultura, mas a cultura do "outro". Com efeito, a distância que separava o índio e o negro da elite brasileira, os colocavam nessa posição de outro. Soma-se a isso a ausência de contato próximo com o oriente e suas religiões, como se deu no caso europeu. Na Europa, o contato com o oriente despertou os estudiosos para suas religiões que eram consideradas tão complexas quanto aquelas européias.

O estudo de religião no Brasil só começa a se desenvolver a partir de uma compreensão do papel da cultura, como acena Huntington; com um equilíbrio, uma maior democracia entre tradições religiosas devido a perda de terreno da Igreja Católica para outras instituições ou formas de tradição religiosa. Tal fator que pode inclusive contribuir para uma diminuição se não do anti-religiosismo, pelo menos de um anticlericalismo, que é em última instância um anti-institucionalismo. Com efeito, com a perda de poder da instituição católica, com a "desinstitucionalização" ou como prefiro colocar, com a "microinstitucionalização", o embate contra a instituição já não se faz tão necessário.

Mas compreendidas as questões contextuais, fica ainda a questão do diálogo entre a linguagem da religião e aquela das ciências sociais. Se a observação de fenômenos sociais tem gerado polêmicas - no que tange a objetividade, métodos de análise etc. - nas ciências sociais, o caso é ainda mais delicado quando se trata do fenômeno religiosos. A questão sobre a objetividade, ou mesmo sobre a falta de importância da verdade daquilo com o qual o homem se relaciona têm dificultado um trabalho mais profundo com relação ao estudo de religião. Velho diz que é necessário que a antropologia deixe de ser uma antropologia centrada em si e que se torne uma antropologia do relacional, que trabalhe não com os pólos, mas com aquilo que está entre eles e através do qual dialogam. Lima, igualmente, fala da necessidade de uma hermenêutica da religião onde se trabalhe uma interpretação que parta de uma compreensão profunda, do fenômeno. Essa não é uma tarefa fácil. Mesmo na ciência da religião essas questões têm se colocado desde sempre e ainda desafiam os estudiosos.

Colocadas todas as possibilidades, vemos que é sempre uma questão de saber traduzir uma linguagem numa outra linguagem, e só se traduz o que se conhece, aquilo que se entende.

Segundo Velho, é necessário que as ciências sociais aprendam também com a religião. Não se trata de aprender dogmas, mas de deixar falar o que estamos a observar. Eu diria que é uma questão de tradução.

No campo da física Fritjof Capra trabalhou com esta possibilidade de traduzir uma linguagem em outra. Se isto é possível entre religião e ciências naturais, porque não seria possível entre religião e ciências sociais?

Não sugiro que as ciências sociais adotem a linguagem religiosa, não estamos falando em conversão. Mas talvez, seja hora de criarmos um diálogo inter-linguístico. E utilizando o conselho de um religioso ao falar sobre o diálogo-interreligioso. É preciso criar raízes, aprendermos bem sobre nós mesmos para que possamos então aprender sobre o outro para que possamos e saibamos respeitá-lo. Acho, entretanto, que as ciências sociais já saíram da adolescência, já passaram pelo processo de achar que davam conta do mundo e creio estão aptas a iniciar diálogo com novas ou antigas formas de linguagem.

BIBLIOGRAFIA

- IALVES, Rubem. A Volta do Sagrado (Os Caminhos da Sociologia da Religião no Brasil) in Religião e sociedade, n.3 - outubro de 1978
- ALVES, Rubem. O Enigma da religião, Campinas, Papyrus livraria Editora - 1948
- ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo, Abril S.A. Cultural - 1984
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A Terra da Mãe de Deus. Rio de Janeiro, Francisco Alves, Brasília-NL. 1988
- BOMENY, Helena & BIRMAN, Patrícia (org). As Assim Chamadas Ciências Sociais. Formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ: Relume Dumará, 1991 pp21-41
- CARVALHO, J. J. Características do Fenômeno Religioso na sociedade contemporânea. In "O Impacto da Modernidade sobre a religião». pp.133-166
- CARVALHO, José Jorge de. Tendências Religiosas no Brasil contemporâneo. In: Coleção Estudos da CNBB, v. 71, pp21-36. A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III). São Paulo, Paulus, 1994
- GARCÍA-RUIZ, Jesús & LÖWY, Michel - Religion et Politique en Amérique Latine. In: Arch. De SC. Soc. Des Rel. 1997, 97 (janvier-mars) 5-8 . Rio de Janeiro. Francisco Alves; Brasília INL 1988
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Essays in Social Anthropology. London, Faber and Faber - 1962
- EVANS-PRITCHARD, E. E. A religião e os Antropólogos, In Religião e Sociedade, 13/1, março 1986 KOTSCHO, Mara Nogueira. A Cabeça do Brasileiro: Uma Análise das Pesquisas de Opinião Pública. Petrópolis, Vozes - 1986
- LIMA, Carlos Márcio V. Uma Hermenêutica da religião? Ensaio em torno de contribuições da antropologia interpretativa para o estudo da religião. In Rhema, v.5, n.17, pp 7-28, 1999
- 1034962164.MACEDO, Carmen Cinira. A Imagem do Eterno, Religiões do Brasil. São Paulo, Editora Moderna Ltda - 1990
- OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro de. O contexto histórico da Igreja católica do Brasil. In Comunicações do ISER. Rio de Janeiro, Ano 8 - n. 34 - 1989
- PINTO JÚNIOR, Aluísio Esteves. O campo religioso no Brasil e a chegada de uma nova era: algumas reflexões e problematizações. In Rhema, v. 5, n. 18, 1999. pp 29-54
- PYE, Michel. Religious Studies in Europe: Structure and Desiderata. In Religious Studies: Issues, Prospects and Proposals. Ed. Klaus K. Klostermaier, Larry W. Hurtado. Manitoba, University of Manitoba - 1991
- RAMOS, Arthur. O Negro Brasileiro: Etnografia Religiosa e Psicanálise. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1934.
- RAMOS, As Culturas Negras no Novo Mundo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, S/A. 1937
- RIBEIRO, Darcy. Religião e Mitologia Kadiwéu. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de proteção aos Índios, 1950.
- RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Baianos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S.A., 1935.
- RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. 5ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- SEEBER-TEGETHOFF, Mareile. "Grenzgänger" entre dois mundos: Candomblé Universidade. Trabalho apresentado no BRASA V. Recife/ Pernambuco 18 a 21 de Junho de 2000. Mn.
- SOARES, L. E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: Leila Landim (org). Tradições Religiosas no Brasil Rio de Janeiro, ISER, 1989, pp121-144.
- SHARPE, Eric J. Comparative Religion, A History London, Duckworth, 1986.
- VALE, Edênio. A Paixão pelo Povo: um traço da Obra de Duglas Teixeira Monteiro. In Religião e sociedade 4, Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1979. Pp25-30
- VELHO, Otávio. Religiosidade e Antropologia. In Religião e Sociedade, 13/1, março 1986
- VELHO, Otávio. A antropologia da Religião em tempo de globalização. In Etnográfica, Vol. II (2), 1998, pp.347-357
- VELHO, Otávio. O que a religião pode fazer pelas ciências sociais? Trabalho apresentado na mesa redonda MR03 "Religião, sociedade e ciências sociais". VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22 a 25 de setembro de 1998.
- VILAS-BOAS, Gláucia. A Tradição Renovada. In: Helena Bomeny & Patrícia Birman (org). As Assim Chamadas Ciências Sociais. Formação do cientista social no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ: Relume Dumará, 1991 pp21-41
- WANDERLEY, Luiz Eduardo. Igreja e Sociedade no Brasil: 1950-6471964-75. In Religião E Sociedade, n.3, outubro, 1978

